

Fogo amigo



O Brasil necessita com urgência de aumentar significativamente as suas exportações para gerar um número maior de empregos e ampliar o desenvolvimento do país. O percentual que o Brasil exporta representa algo em torno de apenas 1,2% das vendas internacionais, sendo, portanto, incompatível com a décima maior economia do mundo.

Desde 2006, entretanto, em vez de subir, o volume das exportações brasileiras de produtos manufaturados está em queda. É importante salientar que os produtos manufaturados possuem maior valor agregado, ou seja, além de serem mais valorizados, são grandes geradores de emprego. Essa queda começou antes da crise mundial, que só mostrou os seus efeitos negativos no Brasil no início do quarto trimestre de 2008. É evidente que a restrição do mercado causada pela crise agravou esse problema tornando a competição entre produtores de manufaturados ainda mais acirrada.

Afinal, quais são as causas da redução no volume das vendas externas brasileiras de produtos manufaturados?

Palestras proferidas por representantes das indústrias brasileiras associadas a entrevistas e conversas informais com importantes empresários do setor, nos levaram à conclusão de que as vendas externas das indústrias vêm sendo penalizadas pela forte valorização cambial, pela alta tributação do Governo e pelo custo elevado da logística no país.

Esses fatores levam a uma perda de competitividade e rentabilidade nas vendas ao exterior e fazem com que o industrial brasileiro não busque o mercado internacional com a determinação desejada. Ele acaba se limitando ao mercado interno.

Chamamos a atenção para o fato de que os principais motivos para a redução do volume das exportações de produtos industrializados são causados por nós, ou melhor, pela falta de atitudes objetivas do Governo. É um autêntico “fogo amigo”.

Como eliminar ou minimizar esses entraves que criamos para nós mesmos?

Em primeiro lugar, vamos focalizar o problema cambial. Os exportadores sabem que o assunto é complexo e não reivindicam a mudança do sistema de câmbio flutuante. Eles não têm dúvidas de que, em condições normais esse sistema é o mais adequado, por isso é adotado pelos países mais desenvolvidos do mundo. Existem, entretanto, outras soluções a serem pensadas, nesse momento em que o Brasil vem recebendo uma forte entrada de capital estran-

geiro num curto prazo. Esse fluxo atípico valoriza muito a moeda nacional e torna os produtos brasileiros menos competitivos no exterior, além de facilitar a entrada de produtos importados prejudicando a indústria brasileira. Abertura de contas em moeda estrangeira, permissão para exportadores manterem uma parte da receita exportada no exterior, redução dos juros, compra de dólares pelo Banco Central, atuação do Banco Central no mercado futuro, utilização do Fundo Soberano para reduzir a pressão cambial, taxação do investimento externo especulativo, etc, são algumas soluções a serem consideradas nesse sentido.

O Governo, recentemente, deu um passo na direção certa, taxando os lucros dos investimentos externos em renda fixa e variável em 2%. Todos os analistas são unânimes em que esta medida pouco melhorará o problema, mas ela indica que o Governo já se mexeu na busca de uma solução e está atento ao problema. O Governo, acima de tudo, tem que garantir uma estabilidade cambial, sem prejudicar tanto a sua economia.

Quanto à tributação sobre as empresas exportadoras, o Brasil é um dos únicos países do mundo que exporta imposto. Na verdade, existe uma lei no Brasil que é muito justa mas não funciona na prática. Quem produz bens manufaturados para exportação, tem direito a receber um crédito no valor dos tributos recolhidos. A burocracia, entretanto, é tamanha que os industriais acabam desistindo de receber esse crédito. Muitas vezes eles dão preferência às exportações de matérias primas, que não geram empregos, ou então, processam os produtos no exterior, evitando a carga tributária nacional sobre os produtos manufaturados.

O setor tem, atualmente, cerca de R\$ 35 bilhões em créditos tributários a receber. Se o Governo acelerasse o recebimento desses créditos seria uma medida inteligente com retornos compensadores para o Brasil, pois as condições atuais estão afastando as suas indústrias do mercado externo.

No que diz respeito ao alto custo da infraestrutura logística no Brasil, a solução está nas mãos do Governo. Ele tem que reduzir os gastos de custeio, principalmente aqueles com pessoal, para que haja mais recursos a serem aplicados em investimentos em infraestrutura. Portos eficientes, equipamentos modernos de embarque e desembarque, estradas em bom estado, menores custos operacionais, menos burocracia, tudo isso, enfim, representa mais competitividade para o exportador, com ganhos sócio-econômicos para todos os brasileiros.

Temos, portanto, que refletir sobre esses problemas e buscar as suas soluções. 